

Arquitetura de museu: espaços de/para exposição
- estudo de caso do Centro Cultural da Saúde e
Museu da Imagem e do Som

Camila Bezerra Furloni

Pós-graduanda do Curso de Especialização em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das
Ciências e da Saúde – Casa de Oswaldo Cruz – Fundação Oswaldo Cruz

Orientadora: Ana Albano Amora

ABSTRACT

The paper deals with changes in the concept of heritage and museums throughout the twentieth century and the beginning of XXI and its physical and symbolic implications in architecture. For its analysis, it uses the comparative case study between two cultural centers located within the area called Castelo, downtown of Rio de Janeiro: the Museum of Image and Sound (Museu da Imagem e do Som - MIS) and the Cultural Center of Health (Centro Cultural da Saúde - CCS), both built as pavilions for the Centennial Exhibition in Homage to Independence in 1922. It confronts the current adaptation of buildings endowed with historical value in museums with the new designs for museums as works of art themselves.

INTRODUÇÃO

O trabalho em desenvolvimento pretende analisar as mudanças no conceito de patrimônio e museu ao longo do século XX e início do XXI e suas implicações na arquitetura a partir do estudo de caso comparativo entre dois espaços culturais localizados na área do Castelo, centro do Rio de Janeiro: o Museu da Imagem e do Som (MIS) e o Centro Cultural da Saúde (CCS). Ambos estão atualmente localizados em pavilhões construídos para a Exposição de Homenagem ao Centenário da Independência de 1922.

Observa-se na cidade do Rio de Janeiro uma corrente adaptação de bens imóveis culturais, que originalmente desempenhavam outras funções, em museus e

centros culturais. A conceituação atribuída tanto a museus quanto para edificações históricas como “lugares de memória”¹ leva a uma freqüente associação destes. Algumas perguntas que se fazem urgente são: tudo então pode virar museu? Seu programa de necessidades é flexível o suficiente para se adequar a qualquer tipologia arquitetônica? Como se dá o papel simbólico desempenhado pela arquitetura nestes equipamentos culturais?

A partir dos estudos de caso escolhidos poderemos observar dois movimentos distintos. O primeiro é a recente transformação do Serviço de Saúde dos Portos em Centro Cultural da Saúde no ano de 2001 e o segundo é a transferência do MIS para Copacabana em um futuro próximo, a partir de projeto realizado em 2009.

A TRANSFORMAÇÃO DOS PAVILHÕES DA EXPOSIÇÃO DE 1922 EM ESPAÇOS MUSEAIS

Ambos os objetos em questão, o Centro Cultural da Saúde e o Museu da Imagem e do Som, estão localizados atualmente na área de esplanada criada a partir do desmonte do Morro do Castelo realizado no governo de Carlos Sampaio entre 1920-1922. Há muito tempo vinha se discutindo a derrubada do morro, origem da ocupação da cidade no século XVI, tendo como justificativa os critérios de aeração e da higiene. O objetivo, no entanto, era dar continuidade à renovação urbana iniciada com Pereira Passos no início do século XX e expulsar da área mais valorizada da cidade, a população pobre.

A Exposição Internacional em homenagem ao Centenário da Independência do país instalou-se nesta esplanada recém-criada e nas suas adjacências, extinguindo-se também o bairro da Misericórdia. No lugar das residências proletárias, foram erguidos pavilhões suntuosos a fim de representar o progresso e a modernidade desejados pela Nação.

As Exposições Internacionais foram muito comuns no século XIX e início do XX, começando em países europeus como Inglaterra e França e reproduzidas em

países da América, primeiramente nos Estados Unidos em 1876, no Centenário da sua Independência. Tinham como objetivo divulgar os avanços tecnológicos e os feitos científicos entre as nações, impulsionando a concorrência entre os mesmos e o aperfeiçoamento técnico de suas indústrias.

A maioria dos pavilhões erguidos em 1922 tinha o caráter provisório e por isso, apenas quatro ainda encontram-se de pé, são eles: o Pavilhão das Pequenas Indústrias (atual Museu Histórico Nacional, existente antes da exposição, passou na época por uma reforma adquirindo feições neocoloniais), Pavilhão da França (atual Academia Brasileira de Letras), Pavilhão da Estatística (atual CCS) e o Pavilhão da Administração e do Distrito Federal (atual MIS).

O Pavilhão da Estatística (fig. 01) foi projetado por Gastão Bahiana, professor da Escola Nacional de Belas Artes da época, adotando o estilo Luís XVI e foi também chamado de Pavilhão da Ciência da Certeza.² Sofreu alterações em sua fachada, sendo as mais significativas a retirada da sua cúpula, a pedido do próprio

Gastão e a colocação de uma marquise na entrada. Foi transformado em repartição pública e por mais de cinquenta anos, foi posto de vacinação da Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde.



01_Pavilhão da Estatística
(1922)

Fonte: Arquivo Público Mineiro



02_Pavilhão da Administração
e do Distrito Federal (1922)

Fonte: Arquivo Público Mineiro

Desde 1993, se discutia a transformação da edificação em museu da área da saúde devido à sua localização privilegiada, integrada ao núcleo histórico e turístico do centro da cidade. Originalmente pensava-se no Museu de Imagens do Inconsciente, destinado à desmistificação da loucura, mas este foi direcionado para a Colônia Juliano Moreira. Após diversas propostas de abrigar outros acervos, decidiu-se finalmente pelo Centro Cultural da Saúde. Inaugurado em dezembro de 2001, tem como objetivo disseminar o saber da área da Saúde

Pública e lhe dar visibilidade através de exposições, palestras e exibição de filmes.

Idealizado e inaugurado em 1965 com o objetivo de reafirmar a identidade carioca no momento em que o Rio de Janeiro deixava de ser capital do país, o Museu da Imagem e do Som teve como sede o Pavilhão da Administração e do Distrito Federal (fig. 02), projetado por Silvio e Raphael Rabeccchi, também sob o estilo Luís XVI. A escolha da edificação contribuiu para a construção simbólica do Rio de Janeiro a que se pretendia com o empreendimento. Foi pioneiro no museu áudio-visual e seu acervo é constituído atualmente de 22 coleções compostas de discos, partituras, instrumentos musicais, gravações, filmes, fotografias, cartazes, livros, revistas e etc. Na década de 1990, seu acervo dividiu-se entre a sede original e uma nova sede na Lapa, além da cinemateca do MAM.

Na contra-mão dos projetos de requalificação urbana do centro do Rio de Janeiro, foi realizado em meados de 2009 um concurso internacional de projetos para a saída do MIS da Praça XV para uma nova sede, a ser implantado em terreno de antiga boate na orla de Copacabana. Em notícia publicada no site oficial do museu em 07 de agosto de 2009, “o projeto é fruto de um trabalho conjunto entre a Secretaria de Estado de Cultura e a Fundação Roberto Marinho e tem como um de seus objetivos tornar o MIS um ícone arquitetônico, de projeção nacional e internacional, para a cidade do Rio de Janeiro.”³



03_Perspectiva para nova sede do MIS
Fonte: <http://www.dsrny.com/>

A identidade carioca continua em jogo, mas neste momento, diferente do projeto da década de 1960, não se trata de reafirmá-la dentro do contexto nacional, mas sim, internacional. Para tal, lança-se mão de uma arquitetura de grife, sendo escolhido o projeto (fig. 03) de um escritório de Nova Iorque, Diller Scofidio + Renfro. Cabe ressaltar que os

arquitetos responsáveis pela criação do novo ícone da cidade nem sequer estiveram

no Rio de Janeiro. Dentro do contexto anunciado por Jeudy, esses novos projetos para museu buscam uma ruptura com a paisagem da cidade voltando a atenção para a sua arquitetura como obra de arte.

AS DIFERENTES VALORAÇÕES DO PATRIMÔNIO

François Hartog, em seu texto “Tempo e Patrimônio”, fala da evidência hoje de um presente onipresente. A sociedade vive no imediatismo. Não há uma perspectiva de futuro a longo prazo na medida em que a velocidade de mudanças aumenta exponencialmente e há um esvaziamento de sentido do passado pelo excesso de informações que não permite uma reflexão do que passou.

Ao mesmo tempo, essa turbulência do presente, gera uma nostalgia do passado e com ela, uma tentativa de guardar o que passou e se segurar nessas certezas para garantir uma identidade. A sociedade hoje valoriza qualquer vestígio do passado, sem qualquer distinção e assim, tudo é passível de “assumir uma significação monumental”. (Poulot, 2009)

A partir da década de 1960 com a Carta de Veneza, há um alargamento da noção de patrimônio em escala internacional. Françoise Choay, em seu livro “Alegoria do Patrimônio”, intitula este processo de “complexo de Noé”, onde a arca patrimonial parece abrigar todo o tipo de construção. Segundo a historiadora, é nessa mesma década que há uma difusão da palavra “cultura” e criam-se Ministérios para tratar desses assuntos, primeiro na França e depois na Europa e no mundo. Em seu livro, ela trata da democratização do saber aliado ao desenvolvimento da sociedade de lazer e do turismo cultural, que transforma a cultura em mercadoria. A seu ver, “os museus consagram essa mudança, antes dos monumentos” e continua ao afirmar que:

Por sua vez, os monumentos e o patrimônio históricos adquirem dupla função – obras que propiciam saber e prazer, postas à disposição de todos, mas também produtos culturais, fabricados, empacotados e distribuídos para serem consumidos. (Choay, 2006, p. 211)

Somente sob a coordenação do SPHAN por Aloísio de Magalhães, a partir de 1979, é que se incorporou nas políticas oficiais de patrimônio do Brasil essa discussão, substituindo o termo até então corrente, “patrimônio histórico e artístico” pelo de “bens culturais”. A cultura é entendida como um processo dinâmico, enfatizando-se o presente e o cotidiano onde a população é encarada como um agente ativo deste processo. Nesse discurso, o vernacular se equipara ao excepcional e outros valores, que não o estético e o histórico, ganham evidência.

No Rio de Janeiro, o projeto do Corredor Cultural, concretizado em 1984 através da lei nº506, foi pioneiro no que tange à preservação de um conjunto de edificações do centro histórico, atestando seu valor de paisagem e não valores individuais. O projeto se deteve em quatro áreas: Praça XV, Lapa, SAARA e Largo de São Francisco. A partir deste momento foram impulsionadas ações de parceria público-privada com o intuito de requalificar áreas degradadas da cidade através de equipamentos culturais implantados em edificações preservadas. São criados assim o Paço Imperial (1985), o Centro Cultural Banco do Brasil (1989), a Casa França-Brasil (1990), o Espaço Cultural dos Correios (1993), o Centro Cultural Light (1994), o Espaço Cultural da Marinha (1998) e o Centro Cultural da Justiça Federal (2001).⁴ Observa-se a proliferação de centros culturais, que diferente de museus, comportam as mais diversas atividades culturais e não necessariamente possuem acervo ou coleções próprias. Seguindo essa lógica, é implantado o Centro Cultural da Saúde (2001) nas imediações da Praça XV.

O grupo de estudos de Arquitetura de Museus da PROARQ/FAU-UFRJ discute este processo de requalificação urbana do Rio de Janeiro, analisando a concentração de museus e centros culturais na área central da cidade e a adoção da renovação de uso de espaços para abrigar essas atividades (89% do total)⁵, além dos desafios técnicos encontrados nessa adaptação de uso.

O presente trabalho pretende dialogar com os estudos já realizados pelo grupo acima citado, ao analisar comparativamente um museu e um centro cultural na área do Castelo, acrescentando uma nova questão que é a saída de um desses

equipamentos, o MIS, para a praia de Copacabana, cuja nova sede será projetada por um escritório de Nova Iorque em busca da afirmação e projeção da identidade carioca. Faz-se necessário para essa discussão atentar para a fala de Henry-Pierre Jeudy, em seu livro “Espelho das Cidades”, quando “uma tal consagração do museu como obra de arte arquitetônica sugere a evidência de uma personificação da cidade”. (p.121)

O objetivo é confrontar o processo de adequação de museus a espaços pré-concebidos com a experiência recente de museus-obras-de-arte, onde a intenção plástica e a imagem do museu ofuscam o seu conteúdo, havendo um esvaziamento da sua função sócio-educativa de formação do cidadão. Sua fruição costuma ser superficial ao abrigar atividades de lazer e de consumo como cinemas, teatros, restaurantes, livrarias e lojas em detrimento de atividades de pesquisa, educação e reflexão. A ordem agora é divertir para distrair.

Uma breve análise do projeto vencedor para a nova sede do MIS permite reconhecer essa estratégia ao dar ênfase em seu memorial⁶ a espaços como restaurante, piano bar, auditório e cinema em detrimento das soluções de acondicionamento e exposição do acervo, que se mostram fundamentais uma vez que o edifício estará localizado na orla de Copacabana e a maresia é um perigo para conservação de filmes e fotografias.

EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE MUSEU

É de suma importância entender o conceito de museu e as suas variações ao longo do século XX e início do século XXI. O termo museu tem origem na Grécia Antiga, *Mouseion*, e denominava o templo das nove musas, filhas de Zeus com Mnemosine, Deusa da Memória. Sua acepção atual, segundo Choay, remonta à Revolução Francesa, quando a partir da transformação da estrutura de poder, os bens que pertenciam à Corte e ao Clero passaram a ser da Nação, do povo. Os bens móveis, tais como as obras de arte, foram transferidos para “depósitos” abertos ao público no intuito de instruí-lo e civilizá-lo a partir da História, forjando e legitimando

uma identidade nacional. Até então o que se tinha eram os gabinetes de curiosidades, coleções particulares.

Os primeiros museus aqui no Brasil foram ligados à história natural, etnografia, paleontologia e arqueologia, datando do século XIX, após a chegada da Família Real. O marco da busca de uma representação da identidade nacional através de instituições museológicas, no entanto, foi com a criação em 1922 do Museu Histórico Nacional (MHN), que como dito anteriormente foi sediado no Pavilhão das Pequenas Indústrias.

A definição de museu segundo o ICOM no ano de 1946 era a seguinte:

Museu é um estabelecimento de caráter permanente, administrado para interesse geral, com a finalidade de conservar, estudar, valorizar de diversas maneiras o conjunto de elementos de valor cultural: coleções de objetos artísticos, históricos, científicos e técnicos, jardins botânicos, zoológicos e aquários.⁷

Na 20ª Assembléia Geral da ICOM, realizada em 2001, na cidade de Barcelona, Espanha, esta definição foi ampliada, incorporando ao museu a função de diversão e equiparando-o a centros culturais:

Instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e **deleite** da sociedade.

Além das instituições designadas como “Museus”, se considerarão incluídas nesta definição:

(...)

Os **centros culturais** e demais entidades que facilitem a conservação e a continuação e gestão de bens patrimoniais, materiais ou imateriais.⁷

Ainda é bastante comum a associação de museu com os temas da memória e passado e até hoje em dia, existem muitas pessoas que o entendem como um depósito de “velharias”. Os movimentos de vanguarda no início do século XX repudiavam os espaços museológicos pelo seu caráter elitizado e ultrapassado. A

ampliação do conceito de patrimônio a partir da segunda metade do século XX, teve forte impacto nos museus. Além da conservação e exibição de acervos, estes passaram a ser vistos como estruturas dinâmicas, incorporadas ao cotidiano das comunidades onde estão inseridas e tratando de questões atuais como o meio ambiente e novas tecnologias. Devem estar voltados para atender os anseios do seu público de forma democrática e permitindo uma reflexão crítica sobre os temas abordados.

Para a presente reflexão, faz-se necessário um embasamento teórico de conceitos como memória, cultura e arquitetura, que além de abrigo físico, deve ser entendida como linguagem, produzida pelo homem e para o homem, inserida em um contexto sócio-cultural. Sobre a relação entre arquitetura e museu, Montaner diz que “eis aqui, pois, um dos mais importantes desafios colocados para a arquitetura contemporânea: saber responder com seu repertório de formas à multiplicidade de programas que se abrigam sob o ambíguo título de museus”.⁸

CONCLUSÃO

As questões relativas a museu ganharam evidência ao longo do século XX com a criação de conselhos e institutos próprios a exemplo do Conselho Internacional de Museus (ICOM), criado em 1946. Na esfera nacional, somente em 2009, foi fundado o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Muito tem se discutido sobre os novos processos de requalificação urbana, da proliferação de centros culturais e do papel central dos museus como pólos disseminadores de cultura.

Visando contribuir para compreensão e reflexão do papel do profissional que atua no campo do patrimônio arquitetônico dentro destes processos, este trabalho buscará discutir o atendimento das especificidades do programa arquitetônico de museu e as mudanças que este vem sofrendo para se adequar aos novos conceitos de Patrimônio Cultural e Museu e das Políticas Públicas, atentando para o expressivo poder da arquitetura em representar interesses, ideologias e identidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maurício de. A evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IPLANRIO/ZAHAR, 1988.

ABREU, Regina. CHAGAS, Mário. (orgs.) Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

Corredor Cultural: como recuperar, reformar ou construir seu imóvel. RIOARTE, IPP. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: 2002.

CZAJKOWSKI, Jorge. (org.) Guia da arquitetura eclética no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo, 2000.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/IPHAN, 2002.

GUTERMAN, Bruna da Cunha. Os novos espaços de exposição: iscas culturais para a renovação urbana. Trabalho Final de Graduação. Niterói: Escola de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal Fluminense, 2008.

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. IN: *VARIA HISTORIA*, Belo Horizonte, vol. 22, nº 36: p.261-273, Jul/Dez 2006.

JEUDY, Henry-Pierre. Espelho das cidades. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a história do museu. IN: *Caderno de Diretrizes Museológicas*. Brasília: Ministério da Cultura/ Iphan/ Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006.

MAGALHÃES, Roberto Anderson. A requalificação do centro do Rio de Janeiro na década de 1990: a construção de um objetivo difuso. Rio de Janeiro:

Secretaria Municipal das Culturas, Coordenadoria de Documentação e Informação Cultural, Gerência de Informação, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Exposições Universais: espetáculos da modernidade do século XIX. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

PINHEIRO, Marcos José. Museus, memória e esquecimento: um projeto da modernidade. Rio de Janeiro: E-Papers, 2004.

POLLY, Vânia. A recuperação urbana do centro do Rio a partir do patrimônio arquitetônico: a ação do IPHAN na construção da imagem do centro. ANPUH - XII Encontro Regional de História, Niterói, 2008. Publicado em <http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Vania%20Polly.pdf> (consultado em 18 de junho de 2010).

POULOT, Dominique. Uma história do Patrimônio no Ocidente. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

SENRA, Nelson de Castro. CAMARGO, Alexandre de Paiva Rio. A ciência da certeza. IN: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Edição nº23, Agosto de 2007.

SITES CONSULTADOS

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/

(consultado em 18 de junho de 2010)

CENTRO CULTURAL DA SAÚDE

<http://www.ccs.saude.gov.br/> (consultado em 18 de junho de 2010)

ESCRITÓRIO DILLER SCOFIDIO + RENFRO

<http://www.dsrny.com/> (consultado em 20 de junho de 2010)

FUNDAÇÃO MUSEU DA IMAGEM E DO SOM

<http://www.mis.rj.gov.br/> (consultado em 18 de junho de 2010)

SISTEMA BRASILEIRO DE MUSEUS

<http://museus.ibram.gov.br/sbm/> (consultado em 20 de junho de 2010)

Notas

¹ Conceito do historiador francês Pierre Nora.

² Segundo Nelson de Castro Senra e Alexandre de Paiva Rio Camargo, no artigo “Ciência da Certeza” para revista História, “a estatística era, sem dúvida, uma ciência “mais certa” que as outras, por ser mais fiel ao paradigma das ciências naturais. Por meio da matemática, o país acreditava reencontrar os trilhos do progresso.”

³ Site oficial: <http://www.mis.rj.gov.br>, consultado em 18 de junho de 2010.

⁴ Levantamento retirado do livro “A requalificação do centro do Rio de Janeiro” de Roberto Anderson Magalhães, p. 76.

⁵ Índice publicado no artigo “A recuperação urbana do centro do Rio a partir do Patrimônio Arquitetônico: a ação do IPHAN na construção da imagem do centro” de Vânia Polly, p.02.

⁶ Extraído do site do escritório Diller Scofidio + Renfro (<http://www.dsry.com/>), responsável pelo projeto vencedor da nova sede do MIS.

⁷ Extraída do site do Sistema Brasileiro de Museus (<http://museus.ibram.gov.br/sbm/>), grifos nossos.

⁸ MONTANER, Josep Maria. Museus para o século XXI. Ed. Gustavo Gili, Barcelona, 2003. IN: GUTERMAN, Bruna da Cunha. Os novos espaços de exposição: iscas culturais para a renovação urbana. Trabalho Final de Graduação. Niterói: Escola de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal Fluminense, 2008. p. 13.